

Récidive 1938

Recurrence 1938

FOESSEL, Michaël. (2019). *Récidive. 1938*. Paris: Presses Universitaires de France.

Lia Beatriz Teixeira Torraca

Pós-doutoranda em Psicologia pela
Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Brasil

liatorraca@adv.oabRJ.org.br

<https://orcid.org/0000-0002-3860-8500>

<http://lattes.cnpq.br/3485252759389457>

Edna Lúcia Tinoco Ponciano

Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia
Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil
smetaffectus@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8606-1095>

<http://lattes.cnpq.br/7121115711586970>

Resumo: A história se repete? Esta questão emergiu durante a pandemia de COVID-19, tamanha a semelhança com o cenário do início do século XX. Parecia que estávamos repetindo os anos 30 em um presente distópico. Porém, o passado não se repete. É sobre esta impossibilidade de repetição, sobre a ilusão de “retorno”, que o livro “*Récidive 1938*” aborda. Michaël Foessel revisita o período pré-fascista de 1938 como forma de alerta sobre o contexto atual, principalmente a ascensão da extrema-direita, como recidiva de uma doença acometida em 1938. Oferecemos uma resenha do livro *Récidive* para pensarmos o mundo pós-pandêmico, como diagnóstico de um processo que adocece e corrói os regimes democráticos.

Palavras-chave: Recidiva; Fascismo; História

Abstract: Does history repeat itself? This question emerged during the COVID-19 pandemic, given the similarity with the early 20th-century scenario. It seemed we were repeating the 1930s in a dystopian present. However, the past does not repeat itself. The book *Récidive 1938* addresses this impossibility of repetition, the illusion of “return”. Michaël Foessel revisits the pre-fascist period of 1938 as a way of warning about the current context, especially the rise of the far right, as a relapse of a disease that struck in 1938. We offer a review of the book *Récidive 1938* to help think about the post-pandemic world, as a diagnosis of a process that sickens and corrodes democratic regimes.

Keywords: Recurrence; Fascism; History

Michaël Foessel, filósofo francês, propõe a hipótese de que estaríamos vivendo no ano de 2018 a recidiva de uma “doença” que acometeu o mundo em 1938, sob o argumento que não seria possível repetirmos de forma idêntica os eventos históricos. Seu objetivo foi “alertar sobre a situação política da França de 2018, recriando o clima que precedeu o desastre de 1940, no qual o regime de Vichy foi construído.” (FOESSEL, 2019 : 176). Uma hipótese baseada em uma analogia, sem que isto implique a sobreposição temporal (FOESSEL, 2019 : 176), como o senso comum pareceu construir à época dos eventos, mas como forma de conscientização da gravidade do problema, diante da rapidez com que a crise se agudizou e os regimes democráticos ruíram.

Segundo o autor, a impressão de repetição dos processos históricos se deve à “ilusão que reside na palavra ‘retorno’” (FOESSEL, 2019 : 11). Ilusão desconstruída pela compreensão de que “nenhum evento histórico se reproduz sob a forma e sob as circunstâncias que ocorreu pela primeira vez” (FOESSEL, 2019 : 11). Esta impossibilidade de repetição histórica reside na diferença do tempo, principalmente se considerarmos que a vida na atualidade é experimentada em outra dimensão espaço-temporal: o virtual, como corpos desterritorializados, conforme Pierre Lévy entende o processo de virtualização (2007).

Apesar do domínio do virtual e suas condições da modernidade, é neste espaço-temporal que acabou se articulando as reações antimodernas que Foessel acredita ser a origem da “*ilusão do tema do retorno*” (FOESSEL, 2019 : 14). Uma ilusão que foi orquestrada por meio dos próprios instrumentos modernos para satisfazer o desejo de arcaísmo (FOESSEL, 2019 : 14), “procurando por todos os meios voltar a modernidade contra ela mesma.” (FOESSEL, 2019 : 14). Assim, as mídias sociais passaram a ser usadas como instrumentos de controle e configuração perceptiva-afetiva (TORRACA, 2024), frustrando, em grande medida, a expectativa da vida sob uma ciberdemocracia. Ao contrário, conseguimos fomentar a ciberguerra, dando lugar a comportamentos violentos desterritorializados e o recrudescimento da sensação de “desolação”, “característica central dos regimes totalitários e projetados por indivíduos que já vivenciavam a experiência (moderna) de sua solidão”, de acordo com o resgate da observação de Hannah Arendt (ARENDT apud FOESSEL, 2021 : 16). Uma experiência que é vivenciada igualmente nos limites da “fábula da dissolução da política na economia” (FOESSEL, 2021 : 17), e que ganha aspectos dramáticos sob a ameaça de captura por um poder autoritário.

A questão filosófica sobre a essência da modernidade que fez possível os anos 1930 é posta diante da ascensão da extrema-direita e seus processos anacrônicos. Processos que impõem mais violência, desafios e retrocessos em um mundo pós-pandêmico, encurralado por mais duas guerras, uma em continente europeu e outra no Oriente Médio, além da recém-eleição de Donald Trump e as reconfigurações na forma de articular e comunicar seu poder. Um cenário que nos obriga a rever o conceito de “populismo”, como o de democracia, para entendermos os sintomas de uma doença que retorna um século após ser diagnosticada, numa espécie de experimento *Bergsoniano* (BERGSON, 1965).

Ainda que o recorte de Foessel seja a França de 1938, os sintomas não estão restritos aos franceses e nem aquele ano. São sintomas percebidos para além das fronteiras espaço-temporais, considerando-se que a atualidade vivencia globalmente suas crises, como seus retrocessos, numa espécie de contágio, potencializado pelo próprio regime da virtualização. Os retrocessos são visíveis para os regimes democráticos, ou para aquilo que entendemos como democracia. Vale lembrar que democracia não é Lego, contando com pecinhas de encaixe perfeito, mas, processos complexos e dinâmicos, merecendo tratamento cuidadoso para evitar avaliações precipitadas sobre seu “estado”, principalmente se comparadas à aceleração vertiginosa da falência dos regimes democráticos no ano de 1938, e que parece revivermos na última década, levando às ruas francesas milhares de manifestantes no ano de 2020, (FOESSEL, 2019 : 167-173), tal como foi em 1968 em várias partes do mundo. Um fenômeno que nós, brasileiros, experimentamos em 2013 (TORRACA, 2016).

Foessel projeta em seu livro os traços de um cenário capturado no farto conjunto bibliográfico, ajudando a estruturar sua hipótese, articulada no paralelo entre os dois períodos, 1938 e 2018. Ou seja, a hipótese de “uma recidiva de uma doença que afeta um corpo em dois períodos temporais diferentes de sua vida orgânica, mas a origem do mal é o mesmo.” (FOESSEL, 2021 : 29), em uma espécie de atualização de sintomas no qual temos a impressão “que esses dois períodos colidem”, diante da “instantaneidade entre a imersão no passado e o retorno ao presente” (FOESSEL, 2019 : 30). Foessel buscou, então, “colocar ordem no que pareceu uma colisão virtual de anos.” (FOESSEL, 2019 : 30).

É sobre o período pré-fascista que Foessel se debruça, em especial os documentos publicados pela imprensa daquela França de 1938, consultados diariamente nos sites da

Biblioteca Nacional (Gallica e Retronews) (FOESSEL, 2021 : 26), como obras políticas e literárias publicadas naquele ano, considerado como a “era de ouro da imprensa escrita” (FOESSEL, 2019 : 27). Uma pesquisa em que Foessel buscou “compreender, jamais explicar” (FOESSEL, 2019 : 26) tais eventos, diante de um material múltiplo e sob vários ângulos (FOESSEL, 2019 : 27), cuja “leitura de uma imprensa influente e inestimável”, o autor acredita possa ter contribuído para “mergulhar em uma atmosfera onde a informação já estava moldando a percepção do que estava acontecendo” (FOESSEL, 2019 : 27).

Neste percurso investigativo, o autor se deparou com um mundo capturado pela regência da moral, não restrito ao território francês, e que se fechava diante do domínio narrativo de uma disputa religiosa judaico-cristã (FOESSEL, 2019 : 38-45). Um processo que restou refletido na transição política provocada pela pressão do código da economia, como é possível observar na “cruzada judaica” contra a Alemanha promovida pelo “capital franco-judaico”, inclusive sobre a ressignificação dos conceitos de lucro e de responsabilidade, no novo contexto de guerra e de perseguição (FOESSEL, 2019 : 77).

Naquele momento, o chamado “liberalismo puro”, associado às regras democráticas, era colocado em xeque, deixando o governo francês em uma posição de “inação” diante da Alemanha de Hitler (FOESSEL, 2019 : 52), muito semelhante ao cenário que se descortina no segundo mandato de Trump, impondo drásticas reconfigurações geopolíticas, tanto externa quanto internamente (FOESSEL, 2019 : 57). Para tanto, alguns políticos contam com a amnésia seletiva (FOESSEL, 2019 : 165-167) sobre aspectos responsáveis por gerar as crises econômicas, tanto em 1938 como em 2025. Um processo de reconfiguração geopolítica que afeta todos os regimes democráticos, como Foessel observa em seu livro, até mesmo os mais fortalecidos e saudáveis, tal como aconteceu em 1938 e exposto pela imprensa daquela época, que detinha o poder de construção de realidade e de formatação da opinião pública. Poder que atualmente encontra-se diluído entre algoritmos, influencers e jornalistas. Poder refletido nas imagens – desterritorializadas – de liderança.

Tal como em 1938, “em períodos agitados, as notícias falsas correm” (FOESSEL, 2019 : 66), e é recorrente a confusão entre o que é fato e o que é falso, criando um “problema de exatidão dos fatos” (FOESSEL, 2019 : 67), o que se torna ainda mais complexo quando o trânsito das notícias se estabelece no fluxo que representa o virtual, contribuindo para a ambiguidade na comunicação

(FOESSEL, 2019 : 68), como também na amplificação do que atualmente chamamos pós-verdades. Uma era em que os algoritmos decidem a extensão e a velocidade dos contágios, sem desprezar a tendência das mentiras se espalharem mais rapidamente que as verdades (2018).

Neste fluxo de verdades e de mentiras, o código da moral resta associado ao religioso, tanto em 1938 e 2018, como em 2025, como podemos observar na construção mítica da imagem de alguns políticos da extrema-direita nestes três períodos. Uma construção que se estabelece a partir do trânsito do sentido do escatológico, do repulsivo ao sagrado, para que surja a imagem do “salvador”, tal como Ernest Cassirer (2013) apontou o fenômeno da construção mítica associada à política, e Henri Tudor (1972) descreveu o mito político. Uma estética que ganha tons ainda mais fortes, quando pensamos em uma França como berço das construções democráticas, das lutas pelos Direitos Humanos. Uma França que buscava manter a independência do Estado naquele 1938 e se livrar daquilo que Foessel identifica como vergonha e cólera coletivas, e, assim, precisou se reencontrar com suas raízes, durante e no pós-guerra. Um reencontro descrito nas páginas do livro “Paris, a festa continuou”, de Alan Riding (2012), sem desconsiderar como as “festas” foram estrategicamente utilizadas por Hitler (FOESSEL, 2021, : 163-164), buscando seduzir e arregimentar seu séquito em território francês.

O autor também identifica e traduz a questão migratória em 1938 e 2018, relacionada à corrosão do regime democrático francês e os processos persecutórios, como o da desnaturalização (FOESSEL, 2019 : 132), retomando conceitos jurídicos, como direito ao asilo e outros previstos nos Direitos dos Homens (FOESSEL, 2019 : 123), inclusive a figura do apátrida associada ao que Arendt chamava de contaminação totalitária, em seu livro “As Origens do Totalitarismo” (ARENDT apud FOESSEL, 2021 : 122-137).

O autor também destaca decisões visando a uma “reorganização política”, com base em decretos-lei publicados naquele 1938, com o intuito de reduzir o tamanho do funcionalismo público francês, a partir da criação do “comitê de reorganização administrativa” (FOESSEL, 2019 : 89). Decisões que aproximam 1938 ao ano de 2025 nos Estados Unidos da América sob a regência *trumpista*, com a criação do DOGE (*Department of Government Efficiency*), dirigido por Elon Musk. Vale ressaltar que Musk, desde o primeiro dia do segundo mandato de Trump, tem reconfigurado não só a administração pública, mas toda a imagem estadunidense de eficácia e de equidade distributiva, além de esvaziar o papel do país como líder global ao desarticular pontos

estratégicos de ajuda humanitária, como o desmantelamento do USAID. A mesma dinâmica do atual DOGE era vista na imprensa francesa como “um plano de reação social para obter a confiança do capital”, porém, tanto em 1938 quanto em 2025, o que se observa é a asfixia dos regimes democráticos encurralando a sociedade.

Diante das múltiplas pressões, a sociedade se realinha (FOESSEL, 2019 : 99-ss), agora um realinhamento algoritmicamente articulado, e outros anacronicamente engendrados por líderes de extrema-direita. O mundo de 1938 e o de 2025 é feito de alianças, as quais “nós reencontramos o mesmo desejo de sair da história apostando na economia.” (FOESSEL, 2019 144-145).

Um realinhamento que também passa pelo mesmo discurso de paz bradado por Hitler, “se apresentando como campeão da paz” (FOESSEL, 2019: 134), relançado por Trump em 2025, em um novo ato de guerra ao mundo, principalmente o mundo fragilizado e oprimido. Um contexto que se aproxima do pré-fascista da década de 30 (FOESSEL, 2019 : 140), no qual o maniqueísmo era a tônica nas disputas de narrativas, o que hoje é algoritmicamente estimulado, afinal as mídias sociais se alimentam de polêmicas e dualidades.

A aproximação entre o presente e o recorte no passado feito por Foessel é tão grande que alguns trechos do livro parecem ter sido publicados no ano de 2025, tal como esta passagem: “O pré-fascismo francês reside na associação de ideias, uma maneira de mobilizar o público acostumado a interpretar eventos e emergências dentro de uma estrutura autoritária hostil aos estrangeiros” (FOESSEL, 2019: 142). Um contexto que acaba atualizando o conceito de inimigo *schmittiano* (FOESSEL, 2019 : 143), baseado na diferenciação em relação ao outro. Um outro tão diferente que torna a imagem oposta como ameaçadoramente em “oposição política” (FOESSEL, 2019 : 143-144).

Até mesmo imagem de democracia é alvo das disputas, forjando distorções a partir do ódio, tal como observado por Rancière sobre os tempos atuais em seu livro *Ódio à Democracia* (2014). Um ódio atrelado ao desejo de ordem, de reviver um passado que jamais existiu, apenas em um imaginário construído com fins de controle e de manipulação por uma atualização da estética populista (FOESSEL, 2019 : 184-185). É sob a configuração afetiva, tanto em 1938, em 2018 e em 2025, que a paixão pelo comando exerce seu fascínio e arregimenta a massa: “a paixão do comando é um instrumento de mobilização que dá ao saciado e ao voraz a sensação de viver a mesma história estando do mesmo lado da cerca.” (FOESSEL, 2019 : 146). O problema da

existência passa a ser uma questão alimentada pelo ódio: ódio direcionado a outro diferente, e que caracteriza, segundo Foessel, este período pré-fascismo (FOESSEL, 2019 : 147).

Um momento que todos parecem estar convictos e ter uma única convicção (FOESSEL , 2019 : 149): estar do lado certo, daquele que é imagem semelhante e com os mesmos objetivos e discurso. Uma convicção orquestrada pelo “comandante” e que amalgama a massa, radicalizando-a (FOESSEL , 2019 : 154-155), sem que caiba qualquer intenção de compreensão sobre os processos, apenas desejo de participação no *processo*. Assim, não se percebe racista, homofóbico, terraplanista, antivacina e antitudo! Porém, trata-se de uma questão com raízes mais profundas de um problema sociocultural que se confunde entre o individual e o coletivo, conforme adverte Foessel (FOESSEL , 2019 : 156-158).

Ainda que não se pretenda a guerra, a linguagem já estabeleceu os inimigos e as armas (FOESSEL , 2019 : 160). A história não se repete, mas sim um padrão que teima a se repetir: o da violência e da eliminação de tudo que é diferente, reapresentando-se como fantasmas de períodos tenebrosos da história humana!

Referências Bibliográficas

- BERGSON, Henri. (1965 [1922]). *Duration and Simultaneity* with reference to Einstein's Theory. Trad. Leon Jacobson. Indianapolis: The Bobbs-Merrill Company.
- CASSIRER, Ernest. (2023). *Linguagem e Mito*. Trad. Miriam Schnaiderman. São Paulo: Códex.
- FOESSEL, Michaël. (2021 [2019]). *Récidive* 1938. Paris: Quadrige.
- LÉVY, Pierre. (2007 [1995]). *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34.
- RANCIÈRE, Jaques. (2014). *O ódio à democracia*. Trad. Marian Echalar. São Paulo: Boitempo.
- RIDING, Alan. (2012). *Paris, a festa continuou*. São Paulo: Companhia das Letras.
- TORRACA, Lia B.T. (2016). *Democracia Encurralada: os reflexos das manifestações de 2013 no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumen Juris.
- TORRACA, Lia B.T. (2024). *Antropofagia Afetiva: a colonização dos afetos complexos*. *Convergências: estudos em Humanidades Digitais*, 1 (04), pp. 1–21. Disponível em: <https://doi.org/10.59616/>
- TUDOR, Henry. (1972). *Political Myth*. London: Macmillan.
- VOSOUGHI, Soroush & ROY, Deb & ARAL, Sinan. (2018). *The Spread of true and false News online*. *Science*, vo. 359, Issue 6380, pp. 1146-1151. Disponível em: <<http://science.sciencemag.org/content/359/6380/1146>>. Acesso em 29 mar. 2018.